

Entrevista

César Ricardo Siqueira Bolaño

Um dos pioneiros dos estudos da Economia Política da Comunicação (EPC) no Brasil, César Bolaño tem uma trajetória acadêmica de mais de três décadas. Formado em Comunicação Social - Jornalismo pela USP em 1979, optou pela pós-graduação em Economia na UNICAMP, recebendo o título de mestre em 1986 e o de doutor em 1993. Desde 1984, é professor associado da Universidade Federal de Sergipe e a partir de 2007, professor visitante da UnB. Atribui a sua formação em Economia os subsídios necessários para a formulação da concepção de Economia Política da Comunicação. É consulto *ad-hc* do CNPq e bolsista produtividade 1, com pesquisas sobre mercado de televisão no Brasil frente à digitalização e convergência. Tem se dedicado a estudar o pensamento de Celso Furtado a respeito das relações entre cultura e desenvolvimento, tendo lançado em 2015 os livros *Cultura e Desenvolvimento: reflexões à luz de Furtado* e *O conceito de cultura em Celso Furtado*, ambos pela editora da UFBA. Bolaño concedeu entrevista à Rizoma e respondeu a questões sobre a EPC e suas pesquisas mais recentes.

Qual é a influência de Celso Furtado na formação da Economia Política da Comunicação no Brasil?

A influência de Furtado na formação da EPC no Brasil se dá de forma indireta, na medida em que Furtado foi um dos autores mais importantes na formação do pensamento econômico brasileiro. Por outro lado, considero importante retomar, na perspectiva da EPC, certas categorias de Furtado ligadas à sua concepção de Cultura que podem ser extremamente úteis para o diálogo interdisciplinar que a EPC brasileira enfrenta em nível nacional e internacional, no interior do campo da Comunicação, especialmente.

Em que o conceito de cultura em Celso Furtado pode contribuir para a discussão da EPC?

O conceito de cultura de Furtado é muito interessante em vários sentidos. Seguindo a linha de raciocínio da primeira pergunta, eu diria apenas que, na medida em que incorpora, no interior da Economia Política, influências da Antropologia e outras Ciências Sociais, que ele pretendia enxergar como totalidade, apresenta-se como uma oportunidade para o aprofundamento do diálogo entre EPC e Estudos Culturais, de extrema importância no campo da Comunicação.

Ângela Felippi¹
Vanessa Costa de Oliveira²
Lídia Schwantes Hoss³

¹ Doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2006), mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2000) e graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria (1990) e em História pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Imaculada Conceição (1991). Professora adjunta da Universidade de Santa Cruz do Sul, do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional e do Departamento de Comunicação. É vice-chefe do Departamento de Comunicação e Coordenadora do Aperfeiçoamento em Assessoria em Comunicação e Política. Editora adjunta da revista Rizoma. Tem experiência profissional na área de jornalismo. Na universidade, atua principalmente nos seguintes temas: jornalismo, assessoria de imprensa, comunicação e política, desenvolvimento regional, identidade cultural e discurso. É membro da SBPJor - Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo.

² Jornalista. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional da UNISC.

³ Jornalista. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional da UNISC.

Em seus textos mais recentes, o senhor tem abordado a “luta epistemológica interna ao campo das comunicações”. A que luta se refere?

Tenho usado a expressão “luta epistemológica” para designar as disputas internas e externas ao campo com o objetivo de enfatizar a relação que existe entre epistemologia e política, de acordo com uma tradição do pensamento dialético. Assim, essas disputas não podem ser plenamente entendidas sem reconhecer a sua relação, em última instância, com a luta de classes, ainda que a Ciência disponha de graus de autonomia relativa, os quais deveriam ser, por sua vez, matéria de estudo. A perspectiva contrária, definindo-a como algo isento de interesses, assume já, obviamente, uma posição política. Por outro lado, questiono também o relativismo muito em voga no debate epistemológico que reduz a ideia de verdade a puros jogos de poder. Uma perspectiva dialética, como a que defendo, permite escapar de ambas as armadilhas.

Recentemente, em uma discussão sobre Economia Política da Comunicação, o senhor abordou o que chamou de “perspectivas abstratas de Marx”. Em que essa compreensão contribui para compreender a comunicação no interior do capitalismo?

Não sei a que se refere. O pensamento de Marx tem uma capacidade enorme de articular níveis de abstração, realizar mediações etc., sem perder o seu caráter realista, crítico e esclarecedor das verdadeiras contradições do capitalismo, que é o que nos interessa. Talvez eu tenha querido dizer que os estudantes vinculados à EPC não podem deixar de conhecer o conjunto da obra, mantendo-se, como ocorre muitas vezes, na posição cômoda de considerar-se marxista sem haver estudado com o cuidado necessário a obra principal do autor.

A indústria criativa ou indústria cultural, tema abordado na sua mais recente publicação, “Campo aberto: para a crítica da epistemologia da comunicação”, tem colocado a cultura como um ativo econômico. Como se dá essa discussão a partir da EPC?

Esta questão não pode ser respondida assim. Exige a leitura, antes de “Campo Aberto”, de “Indústria Cultural, Informação e Capitalismo”. Lá, há uma Economia Política da Comunicação. Não se trata simplesmente de pensar a cultura como “ativo econômico”, mas de entender a lógica cultural do capitalismo tardio, como diria Jameson, ou a subsunção da cultura na economia, como tenho insistido.

Nesse momento de efervescência social e política em vários países latino americanos, principalmente no Brasil, a centralidade da comunicação e o seu papel nas democracias está sendo amplamente discutido. Que reflexões se pode fazer sobre esses momentos?

Bem, há muito a ser dito sobre esse tema e vem sendo dito nos inúmeros debates que temos presenciado e de que temos participado recentemente. Minha posição é conhecida. Para não deixar a pergunta sem

resposta, recomendo a leitura de um texto do ano passado (anterior ao vendaval atual) de Murilo Ramos (“O Feitiço do Tempo”), que eu gostaria de ter escrito. Faz um excelente balanço do que foram (ou não foram) as políticas de comunicação nos governos Lula e Dilma. Eu diria que, tendo em conta o final da onda neopopulista latino-americana, aproxima-se o momento da avaliação crítica dos seus resultados, inclusive no campo das políticas de comunicação, em que outros países avançaram sem dúvida muito mais que o Brasil.

De que forma o Brasil poderia avançar na democratização dos meios de comunicação considerando o atual cenário de concessões públicas?

Neste caso, recomendo a leitura da carta do ENECOS, talvez a análise mais adequada do problema que todo o campo da comunicação produziu até aqui sobre a atual conjuntura. O que deve ser feito, todos sabemos. O problema é, para responder ao “Feitiço do Tempo”, que o tempo passou. E agora José?

Quais os principais desafios do campo da EPC na América Latina?

O grande desafio é continuar sendo crítico e latino-americano.